

**A CONTRIBUIÇÃO DAS MEMÓRIAS DOS(AS) MORADORES(AS) DO  
BAIRRO SÃO JOSÉ PARA A HISTÓRIA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA –  
PB.**

Cássio Geovani da Silva<sup>1</sup>

No que se trata da cidade de João Pessoa, os bairros tiveram um papel muito importante no que diz respeito ao seu avanço estrutural. Desde sua fundação, em 1585, a cidade mostrava uma organização urbana diferenciada se distanciando da orla. Tudo a princípio girava em torno do Centro, o comércio, por exemplo, estava todo instalado nesta área fazendo com que os moradores de outras localidades se deslocassem à procura de bens e serviços. Essa configuração perdurou até o início dos anos de 1970 quando o Centro da cidade (Comercial e Residencial) passou por um processo de descentralização incorporando outras áreas, principalmente em direção à orla marítima (Tambaú, Cabo Branco)<sup>2</sup>.

Este processo de modificação estrutural apresenta vários embates no que diz respeito às tradições, aos costumes e às relações sociais construídas pelos moradores de algumas comunidades, visto que o progresso nem sempre é concebido como “benefício”. Vários bairros passaram por um processo de transformações físicas e culturais o que ocasionou o surgimento de um perfil de morador “despolitizado” sem nenhuma perspectiva de identidade local.

O atual Bairro São José, antes conhecido como favela Beira Rio, surgiu sob a forma de assentamentos espontâneos às margens do Rio Jaguaribe. De acordo com alguns moradores, não existe uma data precisa de fundação da comunidade, todavia relatos orais apontam que as primeiras foram erguidas desde meados da década de 1960 e esse movimento só se intensificou nos anos seguintes. Inicialmente a favela Beira Rio foi constituída por pessoas vindas de cidades do interior da Paraíba e de outros estados, castigadas, em muitos dos casos, pela fome e pela seca, sem perspectiva de trabalho.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal da Paraíba – PPGH UFPB. E-mail: [cassiogiovanni@gmail.com](mailto:cassiogiovanni@gmail.com)

<sup>2</sup> São Bairros turísticos da cidade onde se concentra os metros quadrados mais caros da região por contar com uma infraestrutura excelente tanto para área comercial quanto para a residencial.

Depois, com o processo de urbanização, o número de moradores foi sendo ampliado. As primeiras famílias se instalaram às margens do rio em seu baixo curso, por motivos ainda não precisos, mas se acredita que, pelo fato da presença do Rio oportunizar a prática da pescaria, ser espaço propício para o plantio de pequenas roças e também pelas vantagens de se encontrar barro e bambus dos manguezais próximos para iniciarem as construções das moradias. Aos poucos, a Beira Rio foi ganhando espaço e sendo reconhecida pelas comunidades circunvizinhas. Desde o início da década de 1960 até 1980 foram realizadas obras de “urbanização” na comunidade elevando, assim, seu status, por parte do poder público, que passou a considerá-la como Bairro São José.

Mesmo tendo recebido o título de *Bairro (1985)*, o São José continua a ter sérios problemas de infraestrutura não possuindo os serviços básicos que deveria ter como, por exemplo, uma escola pública que atenda à demanda populacional. Por outro lado, há sérios problemas ambientais relacionados ao Rio e à falésia morta. Essa última tornou a comunidade conhecida nos telejornais em 1984 e 1989, quando ocorreram deslizamentos, causando prejuízos materiais e mortes.

A perspectiva historiográfica tradicional, embora seja objeto de crítica sistemática da produção acadêmica contemporânea, circula na sociedade como cultura histórica dominante, sendo baseada essencialmente numa narrativa de acontecimentos alicerçada, na maioria das vezes, em uma visão de cima, concentrada nos “grandes feitos dos grandes homens”, negligenciando os feitos dos homens e mulheres que também foram sujeitos da História.

Quando, a partir da mudança de abordagem histórica, se propõe estudar a história pela ótica dos “de baixo” pressupõe-se, por outro lado, a existência de algo que está “em cima” e essa relação está envolvida principalmente com os aspectos políticos e sociais de determinada sociedade em um dado período histórico. De acordo com o pensamento de *Burke (1992)*, a *História vista de baixo* desempenha um papel no processo de compreensão do sujeito histórico, pois compreende que as experiências do cotidiano colaboram para a construção da memória das pessoas comuns.

A memória, segundo *Halbwachs (2006)*, é um fenômeno completamente coletivo e social, que se constitui a partir das relações mantidas entre os indivíduos e o grupo; são, portanto, construções sociais sujeitas a transformações e mudanças

constantes. Dessa forma o autor afirma que o indivíduo só é capaz de lembrar na medida em que pertence a um grupo social, todavia mesmo sendo coletiva, a memória precisa de um indivíduo que é capaz de lembrar.

Ainda segundo *Halbwachs (2006)*, a memória individual seria, portanto, um fragmento dos fatos vivenciados pelo grupo estabelecido a partir de pensamentos e representações produzido pelo meio social, que determina subjetivamente a construção das lembranças. Portanto, a memória, seja ela individual ou coletiva, deve ser compreendida como uma visita ao passado com os aportes do presente. Assim, as várias visões elaboradas sobre o passado mostram muito mais sobre o tempo presente do que sobre o passado que se propõe investigar. A memória, todavia, é um elo que se estabelece entre o passado e o presente, onde o *lembrar* é essencial para a compreensão das relações políticas e sociais.

As *lembranças*, segundo as reflexões de *Pierre Nora (1993)*, são consideradas lugares de memória, pois propiciam um cuidado com aquilo que o senso comum pode vir a recusar. Sendo assim, “O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos de escolha e rejeição em relação ao que será lembrado” (BOSI, 1993, p.281). Ao lembrar, o indivíduo organiza a sua memória de forma seletiva determinando o que deve ser lembrado e esquecido pelos indivíduos.

Assim sendo, a elaboração de memórias contribuem para a formação de um sentimento de identidade, ou seja, um sentido de pertencimento. Segundo esse entendimento, o Bairro que, para Certeau (1996),

Aparece como o lugar onde se manifesta um “engajamento” social ou, noutros termos: uma arte de conviver com os parceiros (vizinhos, comerciantes) [...], se apresenta como um local onde as pessoas compartilham realizações, alegrias e tristezas, sejam elas moradoras ou não; compartilham elementos relativos à construção da história desse local. (Certeau, 1996, p.39)

Nesse sentido, entende-se que um bairro se constitui de um emaranhado de costumes em comum que caracterizam um estilo social específico para cada comunidade. Segundo *E. P. Thompson (1998)*, cultura é:

É um termo emaranhado, que ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos e símbolos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho. (THOMPSON, 1998 p, 22)

É de “costume” da perspectiva tradicional da história mostrar desinteresse a respeito da voz daqueles que são excluídos nos aspectos sociais, políticos e econômicos. De certa maneira, o costume se apresenta com uma forma de resistência da cultura de um povo e representam o contexto social do qual fazem parte, a exemplo do Bairro São José que até os dias atuais se festeja o dia de São José Operário (dia 19 de Março) com festa e procissão, seguindo um rito desde a chegada dos primeiros moradores que habitaram as margens do Rio Jaguaribe.

Consideramos assim, que a cultura e os costumes dos moradores do bairro reproduzem um modo de vida baseado na resistência do dia-a-dia dos ataques que eles vivenciam, tanto por parte da mídia, quanto pelos moradores das áreas circunvizinhas cabendo a eles encontrar saídas específicas e apropriadas com suas oportunidades.

Essa questão vem de encontro à nossa hipótese sobre a invisibilidade dos(as) moradores(as) e dos movimentos sociais, artísticos e culturais da comunidade, por parte das áreas circunvizinhas. Ao negligenciar, por falta de conhecimento ou por convicção, a história do Bairro, o morador se insere no processo de alienação cultural provocando quase que automaticamente um enfraquecimento das interpretações acerca de sua própria atuação enquanto sujeito da história.

Assim julgamos necessária a evocação das memórias através dos relatos orais que permitem contribuir para a elaboração de uma História que possa contribuir para a história local tendo em vista que existem temas ainda pouco estudados pelos historiadores locais. Segundo *Ferreira (1994)*, o advento do gravador na década de 1940 oportunizou a coleta de depoimentos pessoais com o intuito de preencher os espaços deixados pelos registros escritos com a formação de fontes de fitas transcritas.

Esse processo se expandiu a partir da segunda metade da década de 1960 e ao longo da década de 1970 e teve como fomento a Guerra do Vietnã e as lutas pelos direitos civis trazendo como protagonistas as “minorias”, negros, mulheres, imigrantes e

etc., que passaram a ser os principais responsáveis pela história oral que procurava reconstruir suas respectivas trajetórias, dando-lhes a oportunidade de voz enquanto excluídos contribuindo para a construção da identidades desses grupos, esquecida pela história oficial.

No Brasil só a partir da década de 1990 a história oral obteve consagração entre os historiadores que dedicaram suas análises ao tempo presentes, embasados na sua utilização enquanto metodologia de pesquisa, tornando os depoentes, protagonistas das histórias e formadores da memória coletiva. Com a publicação da obra de Paul Thompson, *The voice of the past*, em 1978, e com as transformações ocorridas no campo da história durante o século XX, consolidou-se a ideia da história oral como história dos excluídos e esse reconhecimento garantiu a legitimidade do uso das fontes orais que passaram a ser utilizadas nos processos de pesquisa dos historiadores.

Para *Ferreira (1994)*, a história oral deve ser entendida não como uma disciplina, mas:

Como um método de pesquisa que produz uma fonte especial, [...] um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ações e das representações de grupos ou indivíduos de uma dada sociedade. (FERREIRA, 1994, p.12)

A história oral é um procedimento de coleta de dados que possibilita ir além dos documentos escritos buscando, nas fontes orais, elementos significativos no resgate de uma história. Como técnica específica, a entrevista é utilizada como técnica base nos trabalhos de história oral e, diferente dos outros instrumentos de pesquisa, estabelece uma relação igualitária entre pesquisador e pesquisado.

O pesquisador faz da entrevista um objeto que oportuniza fontes capazes de contribuir para a compreensão social, além disso, revela dilemas e fatos sobre o passado constituindo a permanência de um determinado grupo. Nessa perspectiva, as entrevistas fazem com que o entrevistado deixe de ser um mero informante e passe a ser um colaborador atuante para o projeto.

Destaca-se ainda que a história oral de vida permita que o depoente conte o que considera relevante, ao mesmo tempo em que recorda de suas experiências,

possibilitando que eles sejam sujeitos construtores e participantes da história. Essa perspectiva, portanto, contribui, enquanto método de investigação, para esclarecer aspectos relacionados à subjetividade e o conhecimento dos depoentes sobre os fatos.

Ao estudar o Bairro São José ancorado na perspectiva dos “de baixo” consideramos seriamente as opiniões das suas moradoras sobre o processo histórico de formação da comunidade, criando condições para compreender como os processos de permanências e rupturas eram interpretadas. Elas apresentaram um Bairro que tinha voz, porém precisava de espaço para ser ouvido.

Cada entrevista, em si uma história de vida, por mais que representasse algo particular, era compartilhada, em muitos casos, com as outras moradoras. Em seus depoimentos foi possível esclarecer e apontar direcionamentos que pesquisas desenvolvidas no bairro anteriormente desconheciam, a exemplo da participação em massa das moradoras nas discussões sociais e políticas referentes às conquistas da comunidade.

A história oral, enquanto metodologia de pesquisa oportunizou a inserção da voz dos sujeitos históricos perante a historiografia clássica que, ao longo do tempo, veio negando o protagonismo das pessoas comuns. A relação estabelecida entre a história oral e a memória constitui um olhar crítico sobre os grupos marginalizados implicando na transformação dos sujeitos.

O conjunto de lembranças nos deu respaldo para entender as permanências e rupturas percebidas no espaço do Bairro e as memórias apresentaram-se como “o novo” frente à historiografia local. Percebemos que as falas das depoentes giravam em torno de um sentimento de apego ao bairro e, na medida em que seus relatos contribuíam pra construção da memória coletiva, traziam consigo um conjunto de lembranças individuais.

Em relação às mudanças podemos afirmar que a atuação da Associação dos Moradores no seu cerne possibilitou uma melhoria significativa na estrutura física do bairro. Hoje, depois de mais de 30 anos de fundação, os problemas são outros, porém a manutenção dos serviços públicos na comunidade ainda deixa a desejar. O bairro, portanto, aos pouco vai perdendo as características de comunidade interiorana, muito

prezadas por nossas depoentes, e vai dando lugar a uma estrutura moderna pensada de forma que, não necessariamente, fazia parte das reivindicações dos moradores.

Já as permanências, em se tratando do espaço físico, ainda são encontradas no bairro de forma sutil, resumindo-se quase à Igreja Católica e à Creche Criança Feliz, que permanecem no mesmo local, porém já passaram por processo de reforma. Em compensação, as relações pessoais entre muitos moradores continuam conforme o início das ocupações.

Portanto, as depoentes nos permitiram ter contato com histórias extremamente ricas através de suas memórias, tendo em vista que foram elas literalmente as promovedoras de mudanças significativas na comunidade por meio de suas vivências diárias. Isso oportunizou à nossa pesquisa produzir um material ancorado nas memórias, capaz de preencher a lacuna relativa aos estudos dos bairros da cidade de João Pessoa – PB, principalmente quando se analisa os depoimentos dos moradores entendidos como a principal fonte de investigação.

Desta forma, a realização deste estudo se mostrou de grande importância, pois, contribuiu para produção de conhecimento científico no que tange a elaboração de uma narrativa que contempla um “vazio” historiográfico ainda não enfrentado pela produção dos historiadores locais, sendo esta uma das principais justificativas para a realização desta pesquisa.

## **REFERÊNCIAS**

ALBERTI, V. *O Fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>. Acesso em: 20 ago. 2017.

AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGC, 1996.

BISPO, Luana Maria Cavalcanti. Relicário urbano: uma leitura do Bairro do Roger na cidade de João Pessoa-PB (2003-2013). 2015. 170 f. Dissertação, (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. 170f.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos*. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAUDEL, Fernand. As responsabilidades da história. *Revista de História*. Vol. IV, Nº 10, p. 257-273, abril-junho, 1952.

BURKE, Peter (org.) *A Escrita a história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. (Biblioteca Básica)



CAMARGO, A.; D'ARAÚJO, C. Como a história oral chegou ao Brasil, (entrevista). *História oral*. Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p.167-179, 1999.

CANDEIA, Emanuel C. *A Repercussão do Conceito de Experiência de E. P. Thompson na Historiografia Brasileira: um estudo sobre a UNICAMP e Sidney Chalhoub (1980-1998)*. Dissertação (Mestrado em História) João Pessoa, UFPB-CCHLA, 2010. 209f.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes do fazer*. v.1 Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 6 ed. v.2. Petrópolis: Vozes, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes; ABREU, Alzira Alves de. [coord.]. *Entre-vistas: Abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

GARNICA, A. V. M. *História Oral e educação Matemática*. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.) *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GURAN, Milton. “A ‘fotografia eficiente’ e as ciências sociais”. In: SAMAIN, E. (Org). *O Fotográfico*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1998. p. 87-99.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric. “Da história social à história da sociedade”; “A história britânica e os Annales: um comentário” e “A história de baixo para cima”. In: *Sobre história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

KOSSOY, B. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1994.

MAYOL, Pierre. *O Bairro*. In: CERTEAU, Michel et al. **A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 6. ed. v.2. Petrópolis: Vozes, 2011.

MEIHY, José Carlos e HOLANDA, Fabíola. *História Oral – como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTENEGRO, Antonio. *História oral e memória – a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, Joana. História Local e Construção da Identidade Social. **Saeculum** – Revista de História. João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan/dez. 1997.

OLIVEIRA, Juliana Barros de. *O Bairro de Jaguaribe na Memória de seus Moradores Idosos*. Dissertação (Mestrado em História). João Pessoa, CCHLA/UFPB, 2012. 261f.

OLIVEIRA, Santos et.al. Os Annales por Peter Burke – Uma visão larga e profunda. *Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n 25, p268-270, mar 2007 – ISSN: 1676-2584*.

PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: O Direito ao Passado. In: *O direito à memória*. São Paulo, DPH/SMC, 1992.

PESSOA, Victor Chacon da Silva. *Bairro do Roger em João Pessoa PB: o lugar e suas práticas culturais*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia). Fortaleza, CCT/UECE, 2012. 111f.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. IN: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 1-16.

RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. *Mulheres e política no estado da Paraíba: a atuação de Lúcia Braga em meio às práticas políticas locais*. Dissertação (Mestrado em História). João Pessoa, UFPB/CCHL, 2017. 211f.

SILVA, Eron Carlos Santos da. *A urbanização do Bairro Valentina Figueiredo e suas desigualdades Sociais*. Monografia (Bacharelado em Geografia). João Pessoa, CCEN/UFPB, 2014. 36f.

THOMPSON, Edward P. (1998) *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 3v. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, P. *A voz do passado*. História Oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**